

CRÍTICA AO PRATICISMO «REVOLUCIONÁRIO»<sup>1</sup>

Sergio Lessa - Professor da Universidade Federal de Alagoas e membro das Editorias das revistas Praxis e Crítica Marxista.

Com o predomínio das tendências históricas contra-revolucionárias por décadas seguidas, num ambiente social fetichizado e marcado por crises e tragédias antes inimagináveis (não apenas as duas guerras mundiais, a guerra fria, etc., mas também a crise econômica endêmica que se arrasta desde os anos 1970) -- a concepção de mundo (*Weltanschauung*) cotidianamente predominante absorveu um fatalismo e um misticismo que obstaculizam momentaneamente o impulso ao desvelamento do real que é imanente e essencial à subjetividade humana. A vida social, fetichizada pelo capital em grau extremo, terminou por particularizar uma forma específica, historicamente determinada, da relação típico-universal entre subjetividade e objetividade na práxis humana: nas atuais condições, a absorção do novo socialmente produzido é uma *exigência prática* para a reprodução do capital; porém, e ao mesmo tempo, é uma *impossibilidade teórico-ideológica* em se tratando de desvelar as *novas potencialidades*, objetivamente postas pelo desenvolvimento social, para a emancipação humana.

Um período histórico contra-revolucionário tem, também, essa consequência: altera a relação entre as categorias mais essenciais da práxis humana, tornando-a brutal e desumanamente conservadora -- mesmo em um período histórico, como o capitalismo contemporâneo, cuja forma de ser é a incessante produção objetiva e ampliada de novas possibilidades de sociabilidade.

Sobre este conjunto de questões nos deteremos num próximo artigo. Aqui nos interessará um aspecto específico desta problemática: as alterações, decorrentes do predomínio histórico da contra-revolução, na relação entre teoria e prática no interior da práxis política que se propõe revolucionária.<sup>2</sup> O que, em si, já é quase um paradoxo, pois num período contra-revolucionário há apenas «intenções revolucionárias», já que a revolução propriamente dita não está na ordem do dia. Como intenção, e não como prática efetiva, é natural que o conceito de

---

<sup>1</sup> Publicado na Revista Praxis, n.4, p. 35-64, Belo Horizonte, 1995.

«revolucionário» perca clareza e tenha os seus limites camuflados por uma prática que deseja, mas não pode, efetivar a revolução. O termo «revolucionário», por isso, não tem como deixar de ser até certo ponto ambíguo, contudo esperamos que, por vivermos todos esta ambigüidade, sua utilização neste artigo consiga delinear com a clareza minimamente necessária a qual universo nos referimos.

Nos dias em que vivemos, há uma concepção teórica que é comum à maioria das pessoas que se propõem «revolucionárias»: ao tratar da relação entre a prática -- para continuarmos imprecisos -- «transformadora» e a teoria, a prática é fetichizada até se transformar na esfera *produtora e resolutive* da teoria. Como se os problema teóricos colocados pela prática revolucionária pudessem ser resolvidos no interior da própria prática *sem qual quer esforço teórico*.

Paradoxalmente, este desprezo pela teoria vem sempre acompanhado pela repetitiva reafirmação da sua importância. «Sem teoria revolucionária não há revolução», repetem com freqüência; contudo, estas mesmas pessoas justificam o abandono de todo esforço teórico com a desculpa de que a quantidade e a urgência das tarefas impedem o estudo.

Em poucas palavras, a forma de agir dos que se propõem a «revolucionar a vida» consubstancia uma radical separação entre a teoria e a execução. Na imediatividade cotidiana da enorme maioria das pessoas, a reflexão teórica e a prática política são hoje antinômicas.

Com o abandono do esforço teórico, a cada geração os «revolucionários» são mais ignorantes, e exibem uma maior estreiteza na sua concepção de mundo. São crescentemente incapazes de apreender a essência do processo histórico, perdendo-se nos seus meandros fenomênicos e fugazes. Sem a compreensão do mundo em que agem, suas práticas são marcadas pelo taticismo, pela absoluta falta de estratégia.

Como foi possível que a prática revolucionária, que já foi portadora de teoria da melhor qualidade tenha involuído dando origem a um «praticismo» cujas potencialidades revolucionárias apenas existem no desejo de quem o reproduz?

---

<sup>2</sup> As discussões com Ivo Tonet, ao longo de anos, foram fundamentais para o desenvolvimento desta reflexão. As observações pontuais de Ronald Rocha

*Um pouco de história*

Como ocorre com quase tudo que é decisivo neste século, também ao tratar dessa questão temos que retroagir aos primeiros anos da Revolução Russa. Quando da tomada do poder pelos bolcheviques em 1917, ninguém sequer imaginava a possibilidade de se construir o socialismo, de forma isolada, na atrasada Rússia<sup>3</sup>.

Em poucos anos, contudo, a situação se transformou profundamente. Já em meados dos anos vinte se esgotaram as potencialidades revolucionárias abertas pela I Guerra Mundial e se iniciou um novo ciclo de expansão capitalista. Através de idas e vindas que não podemos examinar aqui, de uma luta interna encarniçada que levou ao patíbulo os melhores revolucionários russos (e muitos de outros países<sup>4</sup>) do início do século, saiu vitoriosa a tese -- rigorosamente anti-marxiana -- de que seria possível construir o socialismo em um só país e, mais ainda, que na Rússia Soviética efetivamente se construía o socialismo!

Com a vitória do stalinismo, a produção teórica predominante entre os marxistas e os partidos comunistas pelo mundo afora passa a seguir a orientação de Moscou: ordem soviética era sinônimo de socialismo. Todo questionamento deste dogma é denunciado como ideologia burguesa. Mesmo durante os anos mais cruéis do stalinismo -- e até após o XX Congresso do PCUS, quando se reconheceu que as «denúncias burguesas» estavam muito próximas à verdade -- criou-se o mito das «deformações» no «socialismo» soviético para que continuasse a ser possível defendê-lo enquanto socialismo!

Esta é uma virada histórica decisiva para o problema que examinamos. Quando os revolucionários assumiram como tarefa defender o país dos soviets enquanto socialista, as suas elaborações teóricas se resumiram em tentar provar ser socialismo o que gritantemente não passava de uma nova forma de exploração do homem pelo homem. Deixaram de produzir

---

ajudaram a corrigir os erros mais graves. A ambos nossos agradecimentos.

<sup>3</sup> - Não desejamos, com isso, negar o caráter nacional das revoluções, nem o fato de que os passos iniciais para a transição ao socialismo poderão ocorrer em países isolados. A fonte mais interessante para esse debate por ocasião da Revolução de 1917 são ainda as minutas das reuniões do CC bolchevique daquele ano. Cf. *The Bolsheviks and the October Revolution*, Londres, Pluto Press, 1974.

<sup>4</sup> - Victor Serge, em *Memórias de um revolucionário* (Companhia das Letras) é um autor indispensável para a compreensão da postura dos "velhos" revolucionários para com os rumos inimaginados que tomava a Revolução Russa.

ciência para mistificar a realidade. O desvelamento do real passa a ser cada vez mais difícil, e por fim se torna uma impossibilidade: como investigar o real se este apenas fornecia indícios os mais veementes de que socialismo e ordem soviética não eram sinônimos? Como manter intacto o dogma e, ao mesmo tempo, fazer ciência, desvendar o real?

O marxismo, de teoria revolucionária que, dotando os homens de uma consciência superior do seu em-si, se propunha a possibilitar que a humanidade conscientemente fizesse a sua história, se converteu, em poucas décadas, na ideologia (no sentido pejorativo do termo) de um Estado opressor dos trabalhadores. De ciência à falsificação do real: este o triste e cruel destino do marxismo do século XX.<sup>5</sup>

Ao viver esta tragédia, o marxismo deixou de se enraizar em Marx e deitou novas raízes nos «teóricos» do século XX: Stalin, Zdanov e caterva. De marxismo se reduziu ao marxismo vulgar, sendo castrado de todo o seu potencial revolucionário. Exceções à parte, Lenin, Gramsci, Trotsky e Lukács, entre poucos outros, cada um à sua maneira, pagaram também grandes tributos teóricos, práticos e pessoais, a esta tragédia.

Vale salientar que nem todos os marxistas se tornaram stalinistas. Não apenas os trotsquistas, mas também vários setores dos comunistas de esquerda e dos anarquistas de esquerda rejeitaram o stalinismo e o combateram. Contudo, a herança teórica e prática que deixaram, exceção feita ao trotsquismo, é irrisória.

#### *A práxis stalinista e o novo militante*

À medida em que o stalinismo foi se configurando, tanto o modelo de militância como as características dos militantes se alteraram.

Do militante se exigia, agora, duas características fundamentais: «disciplina», para o stalinismo sinônimo de obediência, e «profunda convicção» (que poderia ser facilmente confundida por crença, pois carente de toda reflexão crítica) nos mitos que vão sendo produzidos. As estruturas partidárias e a da Internacional Comunista, se tornaram cada vez mais burocratizadas e rígidas. O processo de seleção dos militantes

---

<sup>5</sup>- O processo de degenerescência do marxismo enquanto ciência é muito mais mediado do que este esboço sugere. Papel decisivo, por exemplo, joga a leitura positivista de Marx feita por teóricos da II Internacional na

tem como pedra de toque a docilidade com que se adaptam às mudanças de curso inerentes ao taticismo stalinista<sup>6</sup>. Difunde-se a concepção de que o militante seria um soldado da revolução que, tal como em um exército burguês, deve obediência cega e imediata aos seus chefes. O taticismo e a concepção militarista se dão as mãos.

Esta obediência cega e imediata, por sua vez, era justificada pela concepção de que a teoria da revolução, após 1917, estava finalmente completa. Se Marx e Engels haviam conduzido a teoria revolucionária tão longe quanto possível sem conhecer uma revolução vitoriosa; Lenin, após 1917, suprira esta carência. Teoricamente, sabia-se como fazer; Stalin e os dirigentes stalinistas eram os herdeiros deste conhecimento e, por isso, era preciso apenas obediência, dedicação e força de vontade para que a revolução mundial fosse vitoriosa. Todo questionamento, na hora do combate final, era supérfluo e prejudicial: obediência cega, disciplina férrea, dedicação integral e total.

Abre-se, assim um período que Claudin, num importantíssimo livro, caracterizou como «paralisia teórica».<sup>7</sup>No momento em que o movimento revolucionário enfrentava uma situação rigorosamente inédita, jamais examinada teoricamente (a consolidação isolada de um governo revolucionário em um país atrasado, semi-«feudal» e semi-«asiático»), firma-se a concepção que não há mais nada a ser investigado, cabendo apenas colocar em prática o conhecimento já adquirido pelos bolcheviques. Justamente quando os revolucionários se confrontavam com uma evolução do real completamente imprevista, vence a concepção que todo o conhecimento para a revolução já havia sido produzido e que, por isso, «ação e disciplina» era tudo que deveria ser exigido do revolucionário.

Ao chegarmos à década de 1930, os velhos militantes, aqueles que haviam sido forjados no período anterior, quando a iniciativa pessoal e a capacidade de pensamento crítico eram qualidades fundamentais, vão sendo rápida e sistematicamente eliminados do movimento comunista. Não apenas os dirigentes que não se amoldaram ao poder stalinista foram

---

passagem do século XIX ao XX. Contudo não podemos nos deter sobre este aspecto da questão.

<sup>6</sup>Cf. Lukács, G. *Carta sobre o stalinismo*. Portugal, Seara Nova, 1978.

<sup>7</sup> Claudin, F. *A Crise do Movimento Comunista*. Há uma edição brasileira pela Editora Global, em dois volumes. Quem puder, leia o original espanhol, que é uma obra-prima, pela editora Ruedo Iberico. O reconhecimento dos méritos de Claudin e, a seguir, de algumas obras de Semprún, não deve velar nossa discordância com a evolução posterior dos mesmos para a social-democracia.

assassinados, como também os dirigentes intermediários e mesmo militantes de base foram perseguidos, mortos e expulsos dos PCs. No contexto da ascensão do fascismo europeu, em não poucas circunstâncias militantes que divergiam da linha oficial eram simplesmente eliminados ao se negar a eles a proteção e apoio necessário para a vida clandestina que levavam. Relatos dramáticos deste período podem ser encontrados, tanto do ponto de vista do militante de base como de um alto dirigente<sup>8</sup>, e não há necessidade de recontá-los.

Nessa enorme tragédia que se abate sobre o movimento comunista encontramos o primeiro momento da disjunção entre teoria e prática que caracteriza o praticismo contemporâneo. A prática política vai assumindo uma forma que repele, desestimula, dificulta e, por fim, torna cotidianamente impossível a investigação teórica. Pela primeira vez na história do movimento revolucionário, teoria e prática estavam cindidas no cotidiano dos militantes.

*Pari passu* a esta disjunção entre prática e teoria, ocorre um outro processo, a ela intimamente articulado. Com o esgotamento da crise revolucionária dos anos vinte e os primeiros movimentos de estruturação do que viria a ser chamado, posteriormente, de Estado do Bem Estar Social, a luta política nos países capitalistas avançados é cada vez menos luta de massas contra a exploração capitalista<sup>9</sup>, e cada vez mais a disputa burocratizada pelo poder no interior dos «aparelhos» políticos (partidos, sindicatos, associações, etc.): os militantes vão deixando de ser autênticos revolucionários para se converterem em «aparatchiks», ou seja, funcionários burocráticos de estruturas stalinistas ou reformistas (não nos esqueçamos que, grosso modo, o stalinismo é contemporâneo à gênese e ao apogeu do Estado de Bem Estar Social) que há muito abandonaram a luta contra a exploração do homem pelo homem. Estes dois processos (a cisão teoria-prática e o abandono da luta revolucionária) se determinam reflexivamente, evoluem como faces de uma mesma moeda.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup>Cf. Jean Valtin, Do Fundo da Noite, livro esgotado, mas que posso fornecer xerox aos interessados e também J. Semprún - Autobiografia de Federico Sanchez e Que Belo Domingo, ambos facilmente encontrados nas livrarias.

<sup>9</sup>Nesse contexto há um outro aspecto que é necessário mencionar: a atualidade da revolução se desloca do cenário europeu para o asiático, e sua forma e conteúdo perde o caráter proletário para se converter em lutas nacionalistas e camponesas.

<sup>10</sup> - Cf. Claudin, op. cit., e Focadell, C., *Parlamentarismo Y bol chevi zaci ón*, Espanha, Editora Critica, 1978.

*Semprun tinha razão: a «dialética» se transformou na arte do embuste*

Sem a compreensão do momento histórico, consequência da paralisia teórica que atinge o movimento comunista, apenas é possível traçar táticas de curto prazo. Com isso as reviravoltas políticas se sucedem e são justificadas como acertadas continuções das igualmente justas linhas anteriores<sup>11</sup>. É pífio o argumento de fundo a que sempre se recorre nessas ocasiões, mas suficiente para convencer o obediente militante stalinista: a concepção dialética da história «prova» que as coisas, com o tempo, se transformam «em seu contrário». Assim, as reviravoltas são imprescindíveis. Cabe apenas, «dialeticamente», demonstrar como elas são corretas.

A dialética, que Marx concebia como o movimento do próprio real, se transformou na «Arte e na maneira de sempre se cair de pé», nas palavras de Semprun<sup>12</sup>. Não importa quais as incongruências do taticismo, a dialética se encarrega de justificá-las com os sofismas e os subterfúgios mais descarados. A dialética se resume, agora, a uma arte de argumentação pela qual o «teórico autorizado» extrai dos clássicos (também «autorizados») citações que lhe permitem «demonstrar dialeticamente» que o quadrado é redondo, que o branco é preto.

Uma mentalidade questionadora do real, curiosa, inquieta, investigadora, criativa; uma mentalidade revolucionária, enfim, era algo rigorosamente incompatível com o stalinismo. Para a burocracia que se encastelou no poder na URSS e na própria estrutura da IC, é uma questão de vida ou morte impedir que verdadeira ciência seja feita pelos revolucionários. Crer, ao invés de pensar, acatar ordens sem questionar, não ter curiosidade, não investigar o real, são as «qualidades» que a burocracia stalinista exigia dos militantes, pois elas são fundamentais para que seu próprio poder (e os enormes privilégios a ele associados<sup>13</sup>) sobreviva.

Com este processo, a teoria produzida pelos revolucionários sofre uma involução decisiva. Com Marx, mas ainda no início do século, o marxismo é capaz de se apropriar da melhor ciência burguesa, criticá-la,

---

<sup>11</sup>- Para citar apenas o caso mais escandaloso: entre 1933 e 1941, Hitler foi considerado como aliado informal (1933), inimigo da humanidade (1935), aliado da humanidade e amante da paz (1939) e novamente inimigo da paz e do socialismo (1941)!

<sup>12</sup> - *Que Bel o Domi ngo!*

e desenvolver o conhecimento humano. Em suma, o marxismo era então capaz de expressar a consciência humano-genérica em patamares superiores, e por isso ele ocupava um lugar de destaque no desenvolvimento da humanidade. Ao chegarmos nos anos trinta, encontramos uma situação radicalmente diversa. A produção marxista se reduziu ao marxismo vulgar, incapaz de produzir ciência e arte. Não passa de má propaganda, de ideologia no sentido pejorativo do termo, isto é, de produção teórica que visa deformar a realidade para justificar a nova forma de exploração do homem pelo homem que surgia na URSS.

Neste quadro triste para os revolucionários, duas figuras teóricas de primeiro plano emergem: Lukács e Gramsci. Não que eles tenham passado incólumes pelo stalinismo, mas certamente não foram stalinistas na acepção plena do termo. Como a defesa de Gramsci e Lukács já foi feita anteriormente, e com mais competência do que poderíamos fazer<sup>14</sup>, deixo aqui assinalado este fato, com dois objetivos. O primeiro, lembrar que, mesmo na situação a mais difícil, um indivíduo pode, se o quiser, se contrapor à maré montante. Isto será importante para a conclusão deste artigo. Em segundo lugar, para lembrar que, ainda que o marxismo vulgar esteja enterrado pela história, nem todo marxismo no século vinte foi vulgar, restando ainda muito a ser explorado, aproveitado e desenvolvido da obra principalmente, mas não apenas, deste dois autores. Contudo, o fato de uma corrente tão promissora e criativa, no início do século, quanto o marxismo, com toda a importância política que teve na história recente, poder exhibir, décadas após, *apenas dois pensadores de peso*, é um sintoma gritante da crise que sobre ela se abateu.

### *O voluntarismo*

A disjunção entre prática e teoria, e a transformação historicamente correlata dos militantes em meros *aparatchiks*, introduzem uma modificação decisiva na prática política revolucionária. Esta, de expressão de uma prévia-ideação portadora do para-si do gênero humano (e se não o fosse, jamais seria revolucionária no sentido marxiano da expressão), involui para um voluntarismo cego que, também ele, será característico do praticismo dos nossos dias.

---

<sup>13</sup> - Cf. Semprún, *Autobiografía de Federico Sánchez*.

<sup>14</sup> Cf. Tertulian, N. "Gerog Lukács e o stalinismo", *in Praxis*, n.2, Belo Horizonte, Projeto, 1994; e Oldrini, G. "Gramsci i Lukács avversari del

No universo stalinista, contudo, a justificação teórica do voluntarismo sempre foi um problema. Pois a concepção stalinista segundo a qual a história é o desdobramento automático das leis objetivas infra-estruturais, não cabendo aos indivíduos e à subjetividade qualquer papel histórico decisivo, é incompatível com a postulação da necessidade da ação dos indivíduos. Se o socialismo é considerado como uma decorrência inevitável do desdobramento objetivo das leis do desenvolvimento do capital, seria desnecessário a atividade dos revolucionários para que a história o atingisse.

Esta atitude «passiva», legitimamente decorrente da concepção teleológica da história típica do stalinismo, foi condenada pelo movimento comunista enquanto «liquidacionismo». Um dos elementos da complexa reprodução da burocracia que tomou o poder na URSS e nos PCs é a presença, em escala mundial, de um «exército» de militantes obediente, disciplinado -- e muito ativo. Cada ordem deveria ser obedecida cegamente -- e, também, com a máxima de dedicação. Para os poderosos do movimento comunista era, pois, necessário colocar a «dialética» em ação para demonstrar como a inevitabilidade do socialismo não se opunha ao voluntarismo que exigiam da militância.

Sendo breve, a quadratura do círculo é feita da seguinte forma. É verdade, dizem eles, que são as leis da história, e não a atividade humana, que fazem o destino humano. Contudo, estas mesma leis garantem que, na sociedade capitalista, as contradições sociais levam ao desenvolvimento de um movimento revolucionário o qual, por isso, corresponde às leis mais profundas da história. Logo, o fazer a revolução pelo militante é uma decorrência necessária da história, e o militante deve cumprir o seu destino, já traçado pelas leis férreas da história, com o objetivo de acelerar o caminhar da humanidade ao paraíso soviético.

O extremado voluntarismo é justificado, por um lado, com a desculpa de ele ser decorrente das leis objetivas infra-estruturais do desenvolvimento do capitalismo; por outro lado, a crença do militante na inevitabilidade da revolução, sem a qual o voluntarismo não resistiria a tantas derrotas, é sustentada pela concepção teleológica da história do stalinismo. Pela mediação da concepção que a ação revolucionária é expressão das leis mais profundas da história, a tese segundo a qual o desenvolvimento histórico inevitavelmente desembocará no comunismo é

---

marxismo della II Internationalle", *in Giornali Critico della Filosofia*

articulada com o extremado voluntarismo peculiar ao militante stalinista. Novamente, a «dialética» cumpre o seu papel: «demonstra» o impossível. Ou seja, que a ação do militante é fundamental para história, ainda que a história seja feita pelo movimento dos complexos infra-estruturais, e não pelos atos humanos.

Por este viés teórico penetra na ideologia stalinista aquela que será, ao lado da ignorância, a sua característica prática mais evidente: o extremado voluntarismo. O desejo e a vontade, a fé no «destino socialista da humanidade», a crença na infalibilidade dos altos dirigentes, acima de tudo de Stalin, são consideradas qualidades indispensáveis. Contudo, não porque o indivíduo faça a história; mas porque, ao moldar sua individualidade dentro destes parâmetros, o militante nada mais faz que cumprir conscientemente as leis infra-estruturais. O indivíduo é reduzido a mero «suporte» da história. O revolucionário é um revolucionário porque o momento histórico (a crise capitalista, a existência de Stalin e do movimento comunista) o fez deste modo. E, ao ele se construir dentro dos parâmetros stalinistas, nada mais faria senão seguir as determinações históricas mais profundas.

Esta é uma concepção que não resiste a uma crítica teórica mais séria. Contudo, no universo stalinista, como correspondia às suas necessidades ideológicas mais profundas, ela acabou por se tornar uma verdade inquestionável, e se firmou como um dos dogmas decisivos da «prática política transformadora.

Voluntarismo, concepção teleológica da história e disjunção entre teoria e práxis política são os traços mais importantes da forma de práxis política desdobrada sob o stalinismo. Veremos como estas mesmas características, sob novas formas, estão presente hoje no «praticismo revolucionário».

#### *O praticista e a teoria: o caso brasileiro*

Se a construção, por Stálin, do «homem novo socialista», e dos comunistas enquanto feitos de uma «têmpera especial de aço», tem algum significado<sup>15</sup>, certamente se refere à criação de uma geração de revolucionários, a mais numerosa que o movimento comunista jamais teve, marcada pela rígida obediência às instâncias burocráticas superiores,

---

*Italiana*, maio-agosto de 1991.

pela incapacidade de raciocínio próprio, pela total carência de espírito crítico e de iniciativa. Uma geração conformada, pois carente de toda curiosidade, e mítica, pois crente em dogmas. Um militante que age e não pensa é o resultado de um movimento comunista que produz mitos, mas não ciência. Que, com esta degenerescência, os revolucionários contribuíram para a gênese e estabilidade da atual onda contra-revolucionária não é nenhum fato surpreendente.

Nos dias em que vivemos, e em especial entre a geração de militantes que surgiu no Brasil após a derrocada da ditadura, o «praticismo» stalinista passou por algumas alterações significativas. O desaparecimento da rígida estrutura burocrática da III Internacional e dos Partidos Comunistas diminuiu a pressão por uma rígida obediência e pela vida espartana dos militantes das gerações anteriores. A busca do «prazer» já é, até, considerada revolucionária, num hedonismo pobre e inconseqüente, na maior parte das vezes.

Outra modificação significativa é que a concepção teleológica da história do marxismo vulgar, tal como «teorizada» por Marta Harnecker e Politzer, ganha uma nova coloração mítica ao ser apropriada pela Teologia da Libertação e pela esquerda católica.

Um terceiro elemento teórico-ideológico importante na conformação do praticismo contemporâneo é a influência nada desprezível das teorizações, herdeiras da crise do marxismo europeu que, desenvolvendo as raízes irracionistas do estruturalismo, propugnam a "morte do sujeito" e se dirigem à pós-modernidade. Tanto na sua forma inicial, quando as individualidades são reduzidas a meros suportes dos movimentos das estruturas, como na sua fase de máximo desenvolvimento, quando a negação do ativo papel histórico dos homens conduz à negação do processo histórico enquanto portador de uma racionalidade imanente, elas contribuem para a consolidação dos elementos teleológicos, fatalistas e místicos já atuantes entre os revolucionários. Acima de tudo porque, ao disjuntarem o indivíduo da sociedade e a subjetividade da objetividade, tais teorias convertem em "mistério" a existência dos indivíduos, e da subjetividade da qual são portadores, enquanto demiurgos da história, com todas as mediações cabíveis entre eles e as classes sociais. Entre os praticistas estas teorias contribuem para a consolidação do fetichismo da

---

<sup>15</sup> -Sobre isto, veja a interessante reflexão de Semprún em *Que Belo Domí ngo!*

prática e das concepções que ignoram o papel decisivo da teoria para o rompimento da ordem burguesa.

Apesar dessas modificações, muito mais de forma que de conteúdo, o praticismo contemporâneo é um dos mais autênticos herdeiros do legado stalinista. Dele herda não apenas a separação entre o «fazer prático» e o «fazer teórico», entre a teoria e a prática, mas também o seu misticismo, seu fatalismo, reformismo e ignorância. Em outras palavras, ainda que, após décadas de crise e involução teóricas, o marxismo vulgar seja uma espécie ideológica em extinção, embora sua reprodução seja cada vez mais restrita a uns poucos *nichos* da esquerda e, nas universidades, o que dele subsiste sejam formulações já modificadas e de tal forma degradadas que se aproximam do liberalismo<sup>16</sup>, -- entre nós a alternativa à crise da vulgata marxista não tem sido a elaboração de uma autêntica teoria e práxis da revolução, mas a consolidação de uma nova forma do velho praticismo.

Desconhecedores da história, mesmo da história brasileira mais recente, os praticistas são incapazes de um projeto estratégico. Não lhes resta outra alternativa, por isso, senão responder aos acontecimentos correndo atrás dos fatos como jumentos atrás da cenoura: não há possibilidade de alcançá-los.

Isto tem duas conseqüências fundamentais para o nosso tema. Frente à incapacidade para entender o momento histórico, assim como para compreenderem a si próprios, os revolucionários terminam por fazer, da necessidade, virtude: como são incapazes de se constituírem enquanto uma alternativa estratégico-global ao mundo burguês, passam a compreender o «fazer política» como a busca de uma eficiência cotidiana no enfrentamento com a burguesia, centrando todos os seus (parcos) esforços teóricos na busca de uma alternativa ao poder burguês *que não implique na revolução*. Raciocinam eles que, se temos que ser alternativa à burguesia, temos que saber como administrar o Estado burguês melhor do que a própria burguesia, mostrando assim ao «povo» (pois a esta altura, a centralidade da classe operária já foi perdida) que os revolucionários são confiáveis e, por isso, a eles deve ser entregue o poder político.

Não percebem que este reformismo não tem a menor possibilidade de sucesso, pois administrar o Estado burguês tem apenas um significado

---

<sup>16</sup> Cf. Lessa, S. "Lukács e o marxismo contemporâneo". In: *Temáticas*, n. ½, IFCH-Unicamp, 1993.

histórico possível: se colocar a serviço da burguesia. Pequenas melhorias na administração pública, aqui e ali, são os melhores resultados possíveis de se colocar a serviço dos donos do capital, e tais «sucessos» apenas reforçam a ordem burguesa! Com isto não queremos sugerir uma condenação *in totum* da luta parlamentar, mas apenas sublinhar que ela pode ser taticamente necessária, mas jamais deixará de ter este conteúdo essencial.

Esse reformismo político, inerente ao praticismo contemporâneo, não é sua única consequência. Ao correr atrás dos fatos como o jumento atrás da cenoura, a militância se transforma numa roda viva que torna o estudo uma atividade impossível. Como toda ação é desprovida de uma orientação estratégica, apenas um enorme volume de prática pode manter o militante à tona na luta política. Busca-se, antes de mais nada, conquistar ou manter «postos» em sindicatos, associações ou no poder Legislativo e Executivo. Isto requer uma politicagem cotidiana, de conchavos e articulações, que exaure as suas energias. Além disso, nas «frentes de massa», a luta por um lugar ao sol não é menos esgotante, tornando o cotidiano impermeável à «prática teórica». Ao invés do revolucionário elevar o nível teórico das massas oprimidas (ou, se isto não é possível em todos os momentos históricos, ao menos de suas lideranças), o praticista termina por se rebaixar ao nível cultural a que a alienação burguesa reduziu os trabalhadores.

Desse modo, os pretensos revolucionários --tal como ocorreu no stalinismo -- são individualidades cuja reprodução social se dá sem qualquer reflexão teórica digna do nome. Cegos, sem enxergarem a essência da realidade, articulam suas atividades tendo por eixo aspectos fugazes, fenomênicos, secundários, do processo histórico: o reformismo a que nos referimos acima se articula, de forma reflexivamente determinante, a uma prática ineficiente, tanto do ponto de vista reformista como do revolucionário. Nas irônicas palavras de Lenin, se limitam a «contemplar os traseiros da classe operária», a correr atrás dos fatos.

As derrotas, mesmo de seus limitados objetivos reformistas, se sucedem numa sucessão e intensidade infinitas. Elas, contudo, ao invés de levarem ao questionamento de suas concepções, e à superação teórico-prática do praticismo, têm efeito exatamente o inverso. Ao invés de produzirem indivíduos sedentos por entender o mundo para que possam explicar os insucessos e, assim, superá-los, as derrotas reforçam a concepção segundo a qual o praticismo é decisivo para a revolução, ainda

que não se seja capaz de saber por quais mediações a ação praticista poderá conduzir à ela.

Isto ocorre porque a avaliação das derrotas é feita no interior da ideologia do praticismo, marcada pelo voluntarismo e pelo fatalismo de raiz stalinista e atualizada formalmente pela teologia da libertação. A «fé» na revolução e a «inabalável crença» na importância da «prática praticista», sedimentadas por uma concepção teleológica da história que sintetiza em concepção de mundo a ignorância vigente, tornam impossível a crítica praticista a partir do seu interior. Tal como as testemunhas de Jeová, o praticismo não consegue desenvolver o seu para-si e por isso não pode superar a si próprio. Será, talvez, extinto pela história -- mas jamais poderá se superar internamente.

Frente à crítica das suas insuficiências, a forma mais comum como se apresenta esta impossibilidade de o praticismo se elevar ao seu para-si é a pergunta: «então, o que fazer?» A resposta óbvia, «romper com o praticismo», é inaceitável ao horizonte praticista, pois este concebe o «pensar», o «estudar», o «refletir» como não-fazer, como não-atividade. Ao praticista contemporâneo surge como enorme surpresa o fato de Marx ter passado quinze anos «praticando» cotidianamente, muitas horas por dia, o estudo teórico mais puro para escrever uma obra, de enorme importância «prática», como *O Capital*. Ou então que Lenin, em plena I Guerra Mundial, com a enorme tarefa de reorganizar o movimento revolucionário desarticulado pela traição dos líderes da II Internacional que aderiram ao belicismo de suas classes dirigentes, com a enorme tarefa «prática» de salvar os trabalhadores que se matavam nas trincheiras, tenha dedicado meses a fio a estudar ... Hegel! Estudar, pensar, refletir, é uma atividade tão «prática», para os revolucionários, como organizar um piquete ou uma eleição sindical. E, após décadas de praticismo, esta atividade «prática» adquiriu tal urgência que apenas o estreito universo praticista pode considerar o estudo e a reflexão como não-atividade, como não-prática. Não se trata, obviamente, com este jogo de palavras, de justificar o puro academicismo, ele também parte da degradação da consciência contemporânea. Mas apenas salientar a forma cotidiana que se apresenta a rigorosa impossibilidade do praticismo se elevar ao seu para-si, a inviabilidade de superação do praticismo «por dentro».

Nesse ambiente se constitui um dos pilares da ideologia praticista: as derrotas são todas elas inevitáveis, tão inevitáveis como a revolução que brotará, Deus sabe lá como, da ação irrefletida e cega dos que pretendem transformar o mundo. Tal fatalismo é o traço ideológico

fundamental que permite à enorme maioria dos militantes sincretizarem a crença em Deus, ou em alguma forma de misticismo, com o marxismo (obviamente sob uma forma degradada e domesticada pelo alienado senso comum)! Algo como se o pensamento marxiano pudesse ser dissociado em uma parte filosófico-materialista, esta sim atéia e equivocada, e uma porção histórico-política, articulada pelo conceito de luta de classes, que deveria ser aproveitada para pensar o mundo que vivemos. Desprovido Marx de seu fundamento ontológico, ele e Deus podem coabitar a mesma concepção de mundo!

Ação sem teoria, uma vida cotidiana carente de toda reflexão teórica, reprodução ampliada da ignorância a cada geração, prática política reformista, se transformou no *modus vivendi* dos militantes políticos. Os revolucionários, de seres essencialmente curiosos e inconformados com o «destino», se converteram, pela mediação do stalinismo, em meros praticistas, ignorantes, fatalistas e reformistas, que há muito perderam contato com a tradição revolucionária. A forma de práxis política resultante desta degenerescência é o praticismo de nossos dias.

Nesta medida e neste sentido, para os praticistas a prática se transformou na instância única de produção e de resolução dos problemas teóricos. Eles levam até às últimas conseqüências a concepção stalinista segundo a qual toda teoria revolucionária deve se voltar aos problemas «práticos» colocados pela luta de classe. Como por «problemas práticos» eles entendem apenas a imediaticidade fenomênica do processo histórico, a pseudo teoria que produzem é incapaz de abarcar determinações essenciais, universais da realidade -- pode ser tudo, menos uma teoria revolucionária. Voltados cegamente à prática, cultivam convicções e não o espírito crítico e investigador, acumulam experiência mas não conhecimento, se repetem infinitamente independente de quantas derrotas venham a sofrer. São, enfim, individualidades que desdobram uma relação com a totalidade social marcada pela incapacidade em apreender o real. São místicos hiper-ativos que crêem na revolução, mas não revolucionários.

*Por quê «Sem teoria revolucionária não há revolução»?*

Esta frase de Lenin, de *O que Fazer?*, perdeu completamente seu significado original ao ser infinitas vezes repetida pelos praticistas. Afinal de contas, a que ela se referia?

Para Marx, não há atividade humana que não seja uma síntese de pensamento e transformação do real. Toda e qualquer ação humana é, na concepção marxiana, uma transformação do real orientada por uma prévia-ideação. Em poucas palavras, a especificidade ontológica do ser social está na sua capacidade de teleologicamente transformar o real.

Tanto a atividade humana mais primordial, a transformação direta da natureza para a produção de valores de uso, como a atividade social mais desenvolvida, como a luta política ou a produção de obras de arte, são sempre e necessariamente sínteses de prévias-ideações com as determinações causais do mundo objetivo. A consciência, nesta medida e sentido, é órgão e médium decisivo da reprodução social: sem ela não há mundo dos homens.

O desenvolvimento de uma objetividade social cada vez mais densa, ao invés de diminuir, aumenta a importância da subjetividade. E este complexo fenômeno pode ser introdutoriamente compreendido se nos ativermos ao fato de que, até para a produção da mercadoria a mais simples, nas sociabilidades mais evoluídas é necessário uma cadeia de ações práticas e coordenadas entre diferentes indivíduos. Esta coordenação exige que eles sejam convencidos a agir de modo apropriado, e para isto é necessário a gênese e o desenvolvimento de relações sociais, que atuem diretamente sobre a subjetividade. Esta necessidade é o fundamento último da gênese do direito, do Estado, dos costumes, da moral, da ética, etc. Uma parte ponderável das energias humanas é consumida nesse trabalho de moldagem das subjetividades para que elas se comportem, nas mais diversas situações, da maneira socialmente esperada.

A indissociabilidade entre teoria e ação na práxis humana, segundo Marx, tem seu fundamento na concepção de que, ao contrário do ser natural, o mundo dos homens é um *construto humano*. Enquanto a natureza se desenvolve de acordo com sua causalidade própria, cujo desdobramento se dá com a ausência da consciência; o mundo dos homens pode existir apenas através da transformação conscientemente orientada do real. Tudo no ser social exhibe uma gênese, existência e reprodução apenas possíveis através de ações humanas que objetivam prévias-ideações. A objetividade humana, ao contrário da natureza, é composta não por simples objetos, mas por objetivações, diria Lukács em sua *Ontologia do Ser Social*<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> - Lukács, G. *Per una Ontologia dell'Essere Sociale*. Roma, Editora Riuniti, 1976-1981.

Esta indissociabilidade entre pensamento e ação, entre prévia-ideação e objetivação, entre a teleologia e a causalidade social, é que permite a Marx afirmar que é o «ser material do homem que determina sua consciência». As necessidades socialmente construídas pelos homens, através da transformação teleologicamente posta do real, impulsionam os homens à busca de uma compreensão cada vez mais aprofundada da realidade. Como esta busca se dá tendo em vista possibilidades e necessidades socialmente produzidas em cada momento histórico, as concepções do real que a cada momento os homens podem alcançar são também distintas, historicamente determinadas. Pensamento e ação, compreensão do real e transformação do mesmo, subjetividade e objetividade são, em Marx, momentos distintos que apenas podem existir em insuperável articulação no mundo dos homens. E isto porque, acima de tudo, o ser social é uma síntese entre subjetividade e objetividade, entre teleologia e causalidade.

Se isto é verdadeiro para toda e qualquer atividade humana, em se tratando da prática revolucionária a importância da subjetividade é ainda maior.

A revolução é um fenômeno que surge com a sociedade capitalista. Apenas na transformação do feudalismo em capitalismo o desenvolvimento do gênero humano atinge patamares que permitem aos homens «tomar a história em suas mãos». Ou seja, que permitem aos homens uma atividade social mais rica a qual comporta a prévia-ideação de um novo projeto social, e a prática correspondente para, através da tomada do poder político e do terror revolucionário, destruir o velho e construir o novo.

Entre os inúmeros fatores históricos indispensáveis para a destruição da velha ordem, dois são decisivos para o tratamento do nosso tema. O primeiro: é absolutamente necessário a identificação das potencialidades de transformação revolucionária inscritas no real. O que requer o conhecimento do real de modo a poder delimitar, no complexo movimento da vida cotidiana, aqueles elos sobre os quais atuar para que a transformação da totalidade social seja viável.

Em segundo lugar, para a transformação destas potencialidades em atos, é decisivo que as pessoas sejam convencidas não apenas da sua necessidade, mas também da sua viabilidade. Ou seja, além do conhecimento aprofundado do real, é fundamental a luta político-ideológica, no seu sentido mais amplo, para convencer as pessoas a agirem não do modo

tradicional como o fazem, mas de modo inovador, de forma a revolucionar as suas vidas.

Nessa medida, entre o velho e o novo se interpõe uma mediação decisiva e ineliminável, segundo a concepção marxiana, que é a subjetividade. A importância do momento subjetivo para as revoluções, segundo Marx, pode ser melhor compreendida se nos detivermos sobre a peculiaridade dos momentos revolucionários em relação à vida cotidiana. No dia a dia, as pessoas agem impulsionadas pelas determinações oriundas, em última análise, da reprodução do capital. O operário vai à fábrica e age como se o lucro do patrão fosse produzido pelo capital, e não pela sua força de trabalho. A dona de casa compra a mercadoria como se isto fosse um ato natural e inevitável, como se a vida não pudesse ser de outra forma. As relações monogâmicas de casamento, e a propriedade familiar a ela associada, se impõem no dia a dia como se fossem as coisas mais naturais, inevitáveis. As determinações da vida regida pelo capital ganham uma fatalidade e uma ahistoricidade quase absolutas. Deste modo, a reprodução do capital termina por penetrar, através de inúmeras mediações, nos atos humanos mais irrisórios e cotidianos, determinando a reprodução social com uma intensidade desconhecida das sociedades pré-capitalistas. Nunca a reprodução da vida material jogou um peso tão grande na determinação da totalidade social como ocorre na sociabilidade burguesa.

Reconhecer este fato, contudo, não significa concordância com a tese, de fundo althusseriano e marxista vulgar, segundo a qual tudo na sociedade burguesa é determinado pelo capital e, por isso, tudo é ideologia capitalista. A sociabilidade burguesa é uma forma particular de afirmação histórica do gênero humano e, por isso, possui no seu interior realizações que certamente não serão extintas junto com as relações capitalistas. Reconhecer este fato não implica na adoção de um projeto reformista, mas este é um assunto que não tem cabimento tratar neste momento.

No dia a dia, portanto, e no capitalismo mais que em qualquer sociedade anterior, as relações sociais objetivas, notadamente aquelas oriundas da esfera econômica, assumem uma importância decisiva, são o momento predominante da reprodução social. Esta situação, contudo, passa por uma mudança qualitativa em um momento revolucionário. Este se caracteriza pelo fato de as contradições sociais terem alcançado tal grau de maturidade que instauram a potencialidade objetiva de superação da velha ordem. Esta potencialidade, latente na vida «normal» capitalista,

passa por um salto de qualidade e adquire uma existência social reconhecível em ampla escala. A sociedade perde o seu funcionamento cotidiano «normal» e entra em crise, o comportamento cotidiano dos indivíduos não mais reproduz os mandamentos do costume, da moral, da tradição, da sexualidade, para não dizer das relações econômicas estrito senso, como respeito à propriedade privada, ao direito de herança, etc.

Esta crise, contudo, ainda não é a revolução. Para que as potencialidades revolucionárias sejam convertidas em realidade, é necessário uma intervenção consciente dos homens, de modo a superar o velho em novo. Os revolucionários, nesses momentos históricos, devem ser capazes de convencer que a melhor alternativa aos problemas sociais é a transformação revolucionária do real: do contrário, a desorganização da reprodução da vida material, inevitável em tempos de crises, termina por conduzir a penúrias ainda maiores que às da velha ordem e, deste modo, o antigo regime termina por se impor novamente. Todas as revoluções até hoje conheceram momentos, em que, após a tomada do poder, a crise econômica, a fome e a miséria originaram um forte movimento contra-revolucionário, ao qual os revolucionários opuseram o terror.

Nenhuma revolução pode ser explicada, nos seus desdobramentos internos, a não ser por estas variações da disposição subjetiva das massas para agirem com, ou contra, a velha ordem. Quem se dispuser a explicar, por exemplo, as fases da Revolução Francesa, ou de 1917 na Rússia, diretamente a partir das «transformações das determinações infra-estruturais» se verá diante de uma total impossibilidade. Nestes momentos, o peso do momento subjetivo é determinante, e por isso a luta ideológico-política é a prática social decisiva nas revoluções. Enfim, nos momentos revolucionários, a história será determinada não pela reprodução do capital, mas pela determinação dos homens em agirem no sentido de construir o novo ou repor o velho.

Neste sentido e medida, se em nenhuma prática social, em nenhum momento da vida cotidiana, prática e teoria estão absolutamente dissociadas, para a prática revolucionária a teoria possui uma dimensão ainda mais significativa. Pois, sem a posse de uma concepção de mundo que permita tanto a crítica da sociedade burguesa, como a proposição de uma viável sociabilidade socialista, será impossível ganhar o coração e as mentes das pessoas para a revolução no momento em que esta for posta, em escala social, como possibilidade objetiva.

Em suma, «Sem teoria não há revolução» porque, no plano mais geral, não é possível transformar a realidade sem o momento da prévia-ideação, sem a mediação da consciência; e, no plano mais restrito, porque sem o conhecimento da sociedade capitalista não é possível identificar as formas historicamente determinadas em que se apresentam, a cada momento particular, suas potencialidades revolucionárias. E, sem esta identificação, nenhuma estratégia e tática revolucionárias dignas do nome podem ser elaboradas.

### *Conclusão*

O fenômeno do praticismo «revolucionário» é tão extenso em sua abrangência, e abarca um período tão longo de tempo, que parece indicar que na sua base está uma alteração significativa na relação entre aquilo que Lukács chama de «período de conseqüências» de uma objetivação e a constituição da próxima ideação. Não é este o momento para entrarmos nesta discussão, mas uma tal alteração parece indicar que, nos momentos em que predomina a contra-revolução, como os que vivemos, a práxis social, incapaz de superar os limites imediatos do real, termina por ser também incapaz de produzir, em larga escala, prévias-ideações que sejam portadoras das potencialidades do novo objetivamente presentes na realidade. Incapaz de enxergar para além das misérias cotidianas, a concepção de mundo que o homem é capaz de produzir nestes momentos históricos é perpassada pelo fatalismo, pelo misticismo e pelo conformismo. Se isto for verdade, o praticismo «revolucionário» seria então a manifestação, na esfera da práxis revolucionária, desta transformação de fundo na relação entre o «período de conseqüências» e a constituição das prévias-ideações. As complexas questões aqui aludidas obviamente não podem ser tratadas adequadamente no espaço desta conclusão, mas a elas voltaremos oportunamente.

O que desejamos ao tocar neste complexo de questões é evitar toda compreensão *praticista* e *voluntarista* desta problemática: os revolucionários se transformaram em praticistas reformista não apenas porque assim optaram, mas porque são, eles também, o resultado de uma processualidade histórica a qual ajudaram a construir, se conscientemente ou não aqui pouco importa. O stalinismo, mediação histórica tão decisiva para a transformação dos revolucionários em praticistas, é um dos aspectos decisivos da constituição da maré contra-revolucionária em que

vivemos. Ele foi uma das mediações históricas que propiciaram vitórias decisivas ao capitalismo porque, entre outras coisas, desarmou teoricamente o movimento revolucionário.

Por isso, e sendo breve, o praticismo contemporâneo não tem a menor possibilidade de se transformar, por si só, em uma prática efetivamente revolucionária. A concepção de mundo que lhe é inerente possui traços místicos, teleológicos, e fatalistas que o aproximam muito mais das formas religiosas de consciência do que de uma reflexão científica do real. Cercado pela miséria civilizatória da contra-revolução, o indivíduo que deseja revolucionar a vida se percebe emaranhado num círculo vicioso: sua práxis obnubila a reflexão teórica, e «sem teoria não há revolução». Preso neste «círculo de ferro» da fetichizada racionalidade do mundo burguês, o indivíduo típico se transforma em um novo tipo de místico (mantém a militância porque «crê» na revolução, ainda que não saiba explicá-la) ou em um ex-militante que se deixa seduzir pelo individualismo vigente.

Contudo, em que pese a intensidade e a amplitude das tendências históricas contra-revolucionárias sob as quais vivemos, ao contrário do que pode conceber o pobre horizonte teórico praticista, ela de modo algum é onipotente, restando sempre uma margem de manobra para que -- ainda que limitadamente, pois sem contar com condições históricas favoráveis -- indivíduos com ela rompam e desdobrem existências que se oponham -- para permanecer no nosso tema -- ao «círculo de ferro» do praticismo.

Sendo o praticismo resultante de um processo histórico construído *também* pelos stalinistas, e não um resultado fatal e inevitável da processualidade histórica, é possível aos indivíduos uma margem de liberdade para, se assim quiserem, escapar, ainda que parcialmente, desta determinação mais genérica.

Estas considerações remetem ao fato ontológico de fundo que, no mundo dos homens, não há situação concreta que não ofereça diversas alternativas de respostas para a ação dos indivíduos nela envolvidos. Certamente, ao circunscrever tanto as necessidades como o horizonte de possibilidades para a resposta a estas necessidades, a realidade é predominante na determinação do agir individual. Contudo, já que tanto as determinações mais genéricas, como aquelas mais singulares, apenas podem vir a ser e se reproduzir através dos *atos coti dianos* dos indivíduos socialmente existentes, tanto estas necessidades, como os horizontes postos pelo real, *podem ser alterados* dependendo das respostas

objetivadas. Trotsky se referia a este complexo de questões ao afirmar ser tarefa dos revolucionários «alargar as fronteiras do possível». Não há situação em que a esfera da liberdade esteja absolutamente excluída.

As vidas de Gramsci e Lukács demonstram com clareza a que conjunto de problemas nos referimos. Ambos, mesmo sob o pior cerco stalinista, mesmo com a opção de continuarem no interior do stalinismo, Lukács em Moscou e Gramsci nas prisões fascistas, foram eles capazes de produzir o melhor marxismo, em obras densas e complexas, que recusam o marxismo vulgar e «alargaram as fronteiras do possível». A *opção individual*, a decisão de levar avante a investigação teórica, a convicção pessoal de cada um da importância decisiva das idéias para o movimento revolucionário, foi um elemento decisivo (certamente não o único, mas é este que nos interessa agora) para que suas obras servissem de balizadores do melhor marxismo contemporâneo.

Não há dúvidas que eles pagaram um preço elevado à realidade que viveram. Suas obras são respostas a uma situação de cerco, suas vidas marcadas pela situação histórica. Mas este fato não elimina o que acima apontamos: mesmo em situações de extrema dificuldade, a decisão pessoal joga um papel decisivo na configuração da vida de cada indivíduo, na construção da cada individualidade e na sua articulação com o desenvolvimento histórico.

Este espaço de liberdade é da maior importância para a discussão do complexo problemático do qual nos ocupamos. Pois, evidencia que, mesmo sendo o praticismo um fenômeno tão generalizado que sugere uma correspondência com a alteração mais geral das conexões internas à prática social devido ao prolongado predomínio de tendências históricas contra-revolucionárias, a contraposição a ele é possível no espaço de liberdade (sempre limitado em situações contra-revolucionárias, mas não menos real) aberto às decisões individuais. Sem que os indivíduos assumam a responsabilidade histórica da crítica ao praticismo e do estudo, não há qualquer possibilidade de acumulação teórica que permita, num momento histórico mais favorável, que autênticas ações revolucionárias venham a substituir nossas pobres intenções.

A decisão de não reproduzir o praticismo, imediatamente sempre individual, é permeada pelas maiores dificuldades, pois significa se contrapor à cotidianidade dos partidos, sindicatos, etc.; significa alguma forma de isolamento social. A ruptura com a cotidianidade sempre produz alguma forma de isolamento. É uma decisão que não é desprovida de

conseqüências nas mais diversas áreas da subjetividade. Todavia, não há como amenizar esse, digamos assim, desconforto a ela inerente; é o preço a ser pago para que a teoria revolucionária possa sobreviver aos dias negros que vivemos.

Em suma, o praticismo «revolucionário» é a forma que assumiu a prática «transformadora» após anos de contra-revolução e stalinismo. Ele se caracteriza por, no plano teórico, subsumir de forma mecânica e absoluta a teoria à prática, de tal modo que o fazer cotidiano é encarado como a única esfera, ao mesmo tempo, produtora e resolutive da teoria. Com o abandono da teoria daí decorrente, o taticismo e o reformismo passam a ser a característica política marcante dos praticistas. A crítica científica do mundo burguês é substituída por uma crítica que se restringe à esfera fenomênica mais superficial, podendo embasar apenas propostas tímidas de reformas parciais do capitalismo.

No plano «prático», o praticismo se caracteriza pela hiper-atividade cega dos militantes. Um voluntarismo extremado se articula com a incapacidade em analisar teoricamente tanto a atuação revolucionária quanto a realidade em que ela ocorre, levando o militante a correr atrás dos fatos, numa dinâmica onde estudar significa perder tempo. Como a luta de massas não mais se faz de forma direta (e este é um dos traços do momento contra-revolucionários que vivemos), mas através da mediação do burocratizado aparelho sindical e partidários (seja ele PT ou organizações menores, como PSTU, PC do B, etc.), a luta por espaço no interior destes aparelhos substitui a militância dos revolucionários junto às massas. A predominância prática da luta mediada pelos aparelhos burocráticos termina, também, por burocratizar e estreitar a visão de mundo dos militantes. Além disso, a luta pelo poder no interior dos aparelhos possui uma dinâmica de tal forma «frenética» que, quem dela participa, não consegue desenvolver uma efetiva reflexão (as poucas exceções apenas confirmam a regra). A hiper-atividade cega se recoloca, aqui também, em um outro nível: os dirigentes são tão praticistas como os militantes de base, na enorme maioria dos casos.

Superar ao menos parcialmente este quadro (já que uma completa superação depende, para sermos breves, de uma mudança do caráter contra-revolucionário do período histórico que atravessamos) é condição imprescindível para que a teoria revolucionária possa se reproduzir com a qualidade mínima indispensável à sua sobrevivência. E nesta superação parcial a importância da decisão individual não poderia ser exagerada. Se os revolucionários passarem a produzir mais e melhor teoria, talvez

sobrevivamos como uma corrente teórica significativa neste final de século. Mas, se continuarmos a reproduzir o praticismo como temos feito por décadas, a atual geração de praticistas será tão somente um elo a mais no trágico processo de degenerescência do marxismo neste século.